

Exma. Senhora Vice-Presidente da C M Porto, Professora doutora Guilhermina Rego;

Exmo. Senhor Professor Doutor João Couvaneiro, em representação do Senhor Secretário de Estado da Educação, Professor João Costa;

Exmas. autoridades civis aqui presentes, digníssimos oradores e a todos vós, participantes deste II seminário de Educação e Formação de Adultos, promovida pela Associação Portuguesa de Educação e Formação de Adultos, Aprendências.

Uma primeira palavra de agradecimento, a todos vós, participantes deste encontro, que se pretende de vontades, e, a todos os outros, que não se puderam inscrever por lotação limitada deste magnífico auditório e são a garantia do sucesso desta iniciativa;

A segunda palavra de reconhecimento, a quem proporcionou que tudo acontecesse: à senhora Vice-Presidente da Câmara Municipal do Porto, Professora Guilhermina Rego, pela de parceria viabilizadora deste fórum; aos nosso Stakolders: a GTI, a Mr pianos de Rui Macedo, a Escola Profissional de Gondomar, a Actualgest e aos institutos públicos da ANQEP, do PO CH e do IEFPP, e aos colegas dirigentes da APEFA.

Por último, uma palavra de gratidão aos atores intervenientes e convidados, que, sem hesitação, acorreram favoravelmente a este desafio, de discutir e partilhar connosco, o futuro da Educação e da Formação de Adultos em

Portugal e que, de um modo presencial ou com recurso às tecnologias, estão connosco, nesta jornada.

Associamos, também, o nosso reconhecimento a todas as personalidades, de todo o país, que integram o Conselho Consultivo da APEFA, a pedra angular deste projeto de defesa, valorização e estudo da EFA, em Portugal.

Bem-haja a colaboração, a estima e o amor que nutrem a esta causa!

Porque condicionado pelos inúmeros compromissos, o senhor Presidente da República, não podendo corresponder, presencialmente, ao convite endereçado pela APEFA, enviou, a este simpósio, uma mensagem que eu, na qualidade de Presidente da Associação, leio, na sua íntegra:

...

[leitura da mensagem de Sua Ex^a, o Senhor Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa enviada ao II Seminário de EFA]

...

A Educação e Formação de Adultos em Portugal, mercê de incompreensível marginalização, de excessiva carga ideológica que a tolhe nestes últimos anos, parece viver, hoje, momentos de estranha expectativa e que importa não defraudar, pelo respeito das pessoas e dos seus direitos fundamentais de acesso à educação e à formação, ao longo da Vida!

A Educação e a Formação de Adultos precisa e tem de ser assumida por todos os Atores institucionais e territoriais, pelo poder político, religioso, parceiros sociais, autarquias, movimentos associativos e cívicos como um desafio social

alargado, de forte pendor solidário e intercultural, atento aos fluxos migratórios, às alterações demográficas, como parte integrante do sistema educativo português, mas com flexibilidade e abertura, para corresponder à crescente complexidade e desafios dos dias de hoje;

Urge, por isso, criar as condições e assumir políticas Públicas coerentes, dissuasoras de inconstâncias, intermitências e sinuosidades, tão presentes, durante este período democrático, que só acentua o descrédito, a desvalorização social e torna a Educação de Adultos num simples e mero apêndice diminuído do sistema educativo português.

Importa responder às expectativas das pessoas e dos territórios atenta à especificidade dos contextos e geografias, com a suficiente flexibilidade e justa discriminação positivas dos territórios mais vulneráveis.

A Educação e Formação de Adultos tem de assumir uma plenitude multidimensional, holística e não confinar-se a uma visão funcionalista, em nome de uma empregabilidade prometida, redutora e sectária.

A EA tem de corresponder à necessidades e aos sonhos das pessoas, (e qualquer que seja a idade!), das famílias, das empresas e do mercado do trabalho, das comunidades e dos territórios e, por isso, a APEFA, jamais deixará de, junto do poder político, insistir na reposição de modalidades formativas esquecidas, voltadas para públicos de baixa literacia; modalidades de Educação informal e não-formal, de alfabetização, aperfeiçoamento e de atualização cultural e científica, indutores de bem-estar e de autoestima, da ocupação criativa e qualitativa dos tempos livres dos adultos portugueses.

Quanta indústria criativa, agora tão em voga, mais não é do que a (re)criação das artes tradicionais ?

E não é mais do que aquilo que milhares de portuguesas e de portugueses faziam nos cursos extra-escolares, que transmitiam artes tradicionais, dando-lhes inovação e mais valia para o mercado, acrescentando-lhes valor?

Como podemos aceitar e resignarmo-nos, - num Portugal vencedor, moderno e europeu – ao fenómeno do analfabetismo?! Ao mais de meio milhão de Cidadãos Portugueses, tal como qualquer um de nós, mas, literalmente, analfabetos, sem saber ler nem escrever ?

E o que fazemos? Que respostas apresentamos? Qual a estratégia integrada de formação-educação-emprego aplicada a estes milhares de cidadãos?

O Conselho Nacional de Educação, no seu relatório “Estado da Educação 2013, identifica o analfabetismo e as baixas qualificações como *“muito preocupantes, não só porque abrangem grupos etários relativamente jovens(...)mas pelo impacto que o nível de escolarização dos pais tem na valorização do conhecimento e no sucesso das gerações mais novas”*.

Não saber ler nem escrever, coarta a liberdade individual e deixa as pessoas reféns de vontades e de interpretações de terceiros, tornando-as dependentes e frágeis. O analfabetismo é castrador de iniciativas e de vidas.

Conhecemos a sensibilidade da atual equipa governativa. Já tivemos, por vários momentos, oportunidade de expressar a nossa visão de EA para Portugal. Ouviram-nos. Resta saber se nos escutaram!

Estamos, portanto, expectantes, mas confiantes. A legislação que, em breve, regulará os novos centros Qualifica, pode ser uma excelente oportunidade de olharmos o futuro, de desafiar conceitos e romper práticas.

E este II Seminário Nacional de Educação de Adultos, neste contexto de reconstrução de políticas de E A, pela qualidade e distinção dos seus oradores, tem de se afirmar como o click prospetivador de mudança, de olhar em frente, de desafiar, de ousar! Não podemos continuar a pensar a EA, presos a referentes limitadores de um passado eufórico e a saudosismos inglórios!

Desejamos que este encontro, contribua para uma verdadeira pedrada no charco e se possa alocar à EA, uma dimensão de lugar de projetos! Lugares de projetos, das pessoas, das comunidades, dos territórios; lugares de reconstrução e promoção pessoal e reconfiguração profissional, de interação, de cultura, de saberes, de alavancagem económica e social, onde o individual e o coletivo se reconfigura.

Por isso, urge

- Encontrar caminhos de atuação para a institucionalização de políticas públicas de Educação e Formação de Adultos, atentas às diversidades, especificidades e geografias territoriais, libertas de agendas e de estratégias tático-político-partidárias, oportunas e convenientes;
- Prospetivar políticas públicas de Educação de Adultos, estruturadas, continuadas e sistémicas, de intervenção e comprometidas com a pluralidade, inclusivas, endógenas e atentas às pessoas;

- Contribuir para o direito, de todos os Adultos, de todas as idades, em todos os lugares e geografias, à educação e à cultura, como condição de democracia e desenvolvimento;
- priorizar os grupos mais vulneráveis e multiplicar as possibilidades de promoção de competências para a empregabilidade e de cidadania e de conhecimento dinâmico do mundo;
- Antecipar as competências transversais do amanhã! Como as Reconhecer? Com validar e creditar, socialmente, essas competências? E por quem?

Finalizo esta intervenção com um desafio alargado a todos os presentes, detentores de responsabilidades técnicas e de poder de intervenção: assumirmos a EA, como um desígnio nacional. Combatermos frontalmente o analfabetismo, contribuir para felicidade dos territórios e, como sustenta o Papa Francisco, na Encíclica, *Laudato Si*, adotar políticas que “encontre espaço [e] preocupação [para] (...) integrar os mais frágeis, (...) [para que eles] possam também singrar na vida»

Porto, 15 de julho de 2016

O Presidente da APEFA,

Armando Gomes Loureiro